



OBITUÁRIO / Trajetória da imortal da ABL foi marcada pela inclusão, nos estudos acadêmicos, de linguagens e formas de expressão de grupos socialmente discriminados. Após completar 80 anos, abandonou o sobrenome do ex-marido e assumiu o da mãe

Heloísa Teixeira, 85, escritora e feminista

» FABIO GRECCHI

A escritora e integrante da Academia Brasileira de Letras (ABL) Heloísa Teixeira morreu, ontem, no Rio de Janeiro, aos 85 anos, por complicações de pneumonia e insuficiência respiratória aguda. Ela estava internada na Casa de Saúde São Vicente, na Gávea, na Zona Sul do Rio. Helô, como gostava de ser chamada, ocupava a cadeira 30 desde julho de 2023, que herdou da também escritora Nélida Piñon.

Foi a própria Academia que deu a notícia da morte de Heloísa, na conta que mantém no Instagram. Comentou, ainda, sobre a importância da presença da escritora entre os imortais.

“Nossa querida Helô foi imensa — e deixa um legado incontestável de pensamento crítico, generosidade e compromisso com uma cultura mais justa, plural e inclusiva. Eleita em 2023 para a cadeira 30 da Academia Brasileira de Letras, sucedendo a escritora Nélida Piñon, Heloísa trouxe à ABL não apenas sua brilhante sagacidade intelectual, mas, também, um espírito de acolhimento e fraternidade que marcou profundamente todos com quem conviveu”, frisa o comunicado da ABL.

O governador do Estado do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), recorreu ao X (antigo Twitter) para lembrar da escritora. “Tivemos uma grande perda com a partida de Heloísa Teixeira, uma das grandes vozes do pensamento feminista no Brasil. Heloísa foi muito além dos livros — foi presença ativa na luta pelos direitos das mulheres, sempre com olhar atento às periferias e à cultura popular. Sua contribuição para a literatura, para a arte e para o nosso Rio e o país foi imensa. Como intelectual, como mulher e como cidadã, ela deixará um legado imortal, que continuará ecoando para as novas gerações”, publicou no X.

O cantor, compositor e também imortal Gilberto Gil despediu-se de Helô em publicação no X. “Descanse em paz, querida Heloísa Teixeira, mente marcante da literatura brasileira, imortal da ABL”, disse. Na mesma rede social, a ministra da Cultura, Margareth Menezes, salientou que a “obra (de Heloísa) e seu compromisso com a literatura e a valorização das vozes femininas seguem vivos”. Ainda no X, a Anistia Internacional Brasil lamentou a morte de Helô — de cuja entidade era conselheira.

A poetisa Ana Cristina César publicou, na conta que mantém no X, uma foto ao lado de Heloísa

Reprodução/Companhia das Letras



Ao assumir a cadeira antes ocupada por Nélida Piñon, Heloísa lamentou as poucas mulheres na história da ABL

tirada em 1970 como forma de homenagear a escritora. O jornalista, escritor e curador Amir Labaki ressaltou que Heloísa “nos ajudou a entender as mutações e traduções do Brasil por mais de meio século. Ensinava a pensar, ia à luta, sacava antes, inspirava tanto”. A Fundação Biblioteca Nacional, que é ligada ao Ministério da Cultura, salientou que “Heloísa contribuiu significativamente ao cenário cultural do Brasil, destacando-se não só como escritora, mas também como intelectual”.

Cláudia Costin, economista e ex-secretária de Cultura do estado de São Paulo no governo de Geraldo Alckmin, publicou no X que “Heloísa Teixeira mudou rumos do feminismo e da crítica cultural do Brasil. Intelectual da Academia Brasileira de Letras, tinha 85 anos e abandonou o sobrenome Buarque de Holanda já octogenária”. A prefeita de Juiz de Fora

(MG) Margarida Salomão (PT) publicou que “Heloísa foi uma personagem central da cena cultural do final do século XX, em particular por seu papel na organização do que chamamos de poesia marginal. Foi, ainda, importante voz independente na crítica literária. A República das Letras está de luto”.

Nascida em Ribeirão Preto (SP), Heloísa mudou-se com a família para o Rio de Janeiro aos quatro anos. Filha de um médico e professor, e uma dona de casa, teve três filhos — os cineastas Lula, André e Pedro.

Novo nome

A escritora tomou posse na ABL em 28 de julho de 2023 com uma nova identidade. Onze dias antes da cerimônia, ela tinha deixado de usar o sobrenome do primeiro marido, o advogado e galerista Luiz Buarque de Holanda. Aos 83 anos,

passou a adotar o sobrenome materno Teixeira. A relevância do gesto para ela resultou em uma tatuagem nas costas com o nome completo.

O presidente da ABL, Merval Pereira, destacou que a acadêmica, quando foi eleita, assinava-se Heloísa Buarque de Holanda. Mas, na diplomação, já era seu nome de nascimento.

“Tem uma hora que a ficha cai, principalmente, com a coisa feminista. De repente, falei: ‘Caraca, tenho o nome do marido’”, disse Heloísa, em entrevista, justificando porque readotou o nome da mãe.

Formada em letras clássicas pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), com mestrado e doutorado em literatura brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pós-doutorado em sociologia da cultura na Universidade de Columbia, em Nova York, foi diretora do Programa Avançado de Cultura



Ainda somos pouquíssimas nesta casa: apenas 10 mulheres foram eleitas acadêmicas, contra um total de 339 homens, o que reflete a desigualdade entre a eleição de homens e mulheres na ABL”

Trecho do discurso de Heloísa ao assumir a cadeira 30 da ABL



Nossa querida Helô foi imensa — e deixa um legado incontestável de pensamento crítico, generosidade e compromisso com uma cultura mais justa, plural e inclusiva”

Trecho da nota da ABL



A obra (de Heloísa) e seu compromisso com a literatura e a valorização das vozes femininas seguem vivos”

Publicação da ministra da Cultura, Margareth Menezes



Descanse em paz, querida Heloísa Teixeira, mente marcante da literatura brasileira, imortal da ABL”

Publicação do cantor, compositor e também imortal Gilberto Gil

Contemporânea da Faculdade de Letras da UFRJ. Lá, coordenou o Laboratório de Tecnologias Sociais, do projeto Universidade das Quebradas, e o Fórum M, espaço aberto para o debate sobre a questão da mulher na universidade.

Reconhecida como uma das principais vozes do feminismo brasileiro, ressaltou, durante o discurso de posse, a disparidade de gênero dentro da própria ABL. “Ainda somos pouquíssimas nesta casa: apenas 10 mulheres foram eleitas acadêmicas, contra um total de 339 homens, o que reflete a desigualdade entre a eleição de homens e mulheres na ABL”. A Academia foi inaugurada em 20 de julho de 1897.

Heloísa foi eleita com 34 dos 37 votos e fez questão de afirmar seu alinhamento com o projeto de renovação da ABL. “Esse atual projeto de abertura me fascina. E isso não é nem o começo. Tem que ter

mulher, negro, índio. Porque são excelentes também. Isso é o Brasil, a democracia. Eu estou muito feliz de chegar nesse momento na Academia”, afirmou na posse.

Na obra literária de Heloísa, destacam-se: *26 Poetas Hoje*, de 1976, no qual reúne poemas da amiga Ana Cristina César, além de Cacaso e Chacal; *Macunaima, da literatura ao cinema*, de 1978, sobre a influência do personagem do escritor Mário de Andrade nas artes brasileiras; *Guia Poético do Rio de Janeiro*, de 2001; *Asdrúbal Trouxe o Trombone: memórias de uma trupe solitária de comediantes que abalou os anos 70*, de 2004, sobre os histórico grupo que mudou a cena teatral brasileira; e *Feminista, eu?*, de 2022.

O velório será hoje, na sede da ABL, no Centro do Rio. Na homenagem, será exibido o documentário “Helô”, feito por seu filho Lula Buarque. (Com Agência Brasil)

MARGEM EQUATORIAL

Brasil agrega área equivalente à Alemanha

A Comissão de Limites da Plataforma Continental (CLPC) das Nações Unidas publicou uma resolução que reconhece a ampliação do território marítimo brasileiro em mais 360 mil km², no litoral norte. Dessa forma, o Brasil passa a ser soberano na Margem Equatorial e a ter direito de explorar solo e subsolo marinho de um local rico em minerais e petróleo.

A área agregada equivale ao tamanho da Alemanha. Isso representa que o limite da plataforma continental brasileira supera as 200 milhas náuticas (370 km) de faixa de mar, sobre a qual possui domínio e direitos

de exploração. A região fica entre a foz do Rio Oiapoque, no Pará, ao litoral norte do Rio Grande do Norte. Além disso, abrange as bacias sedimentares da foz do Rio Amazonas, Pará-Maranhão, Barreirinhas, Ceará e Potiguar.

A ampliação da plataforma continental foi um pedido feito pelo Brasil ao CLPC, órgão técnico da ONU que tem a função de analisar os pedidos dos estados costeiros para estabelecer o limite exterior da plataforma continental para além das 200 milhas — como deve ser respeitado por todas as nações litorâneas signatárias da Lei do Mar. A decisão favorável saiu na quarta-feira.

“A região da Margem Equatorial que a Petrobras atualmente tem interesse está dentro das 200 milhas. Mas pode haver algum bloco de petróleo descoberto além dessa faixa, e que só o Estado brasileiro tem, agora, o direito de explorar”, disse o diretor de Hidrografia e Navegação da Marinha, vice-almirante Marco Antônio Linhares Soares.

A nova área não é a mesma que a Petrobras tenta obter licença para perfuração de petróleo, mas também faz parte da Margem Equatorial — um importante potencial petrolífero, que vem trazendo embates entre o Governo Federal e ambientalistas.

De um lado, o governo entende que explorar a riqueza deste recurso pode trazer retorno financeiro ao País. Do outro, defensores da pauta ambiental destacam riscos para o ecossistema e agravamento do aquecimento global com aumento da produção de energia fóssil.

Pelo lado ambiental, o argumento é de que a continuidade da produção de energia fóssil pelo Brasil contribuirá para agravar ainda mais o aquecimento global, além de comprometer a imagem de liderança climática que o país busca construir à frente da COP30, em novembro, em Belém.

Raimundo Paccó/Esp.CB/D.A Press



Ambientalistas pressionam governo para não explorar petróleo na Margem